

Henrique Garcia Pereira

**MEMÓRIAS DO SÉCULO XX PARA A  
CONTESTAÇÃO SATÍRICA DA ORDEM  
VIGENTE NO SÉCULO XXI**

# ÍNDICE

## 0. PROÉMIO 7

## 1. GENEALOGIA DE UM ESQUERDISTA DESALINHADO 15

- 1.1. Intrada 15
- 1.2. O Maio de 68 em Paris 17
- 1.3. Memórias de adolescência e infância 21
- 1.4. Prolongamentos de Maio de 68 em Lisboa 23
- 1.5. O bairro do Rego em finais dos anos sessenta 27
- 1.6. O pós-25 d'Abril como momento revolucionário-lúdico 37

## 2. CONTESTAÇÃO SATÍRICA DO *STATUS QUO* DO SÉCULO XXI EM TERMOS POLÍTICO-ECONÓMICOS 43

- 2.1. Introdução histórica à dicotomia esquerda/direita 43
  - 2.1.0. Nota prévia 43
  - 2.1.1. A Grécia Clássica 45
  - 2.1.2. Da 'idade das trevas' ao 'iluminismo' 50
    - 2.1.2.1. As instituições de raiz cristã e sua contestação 50
    - 2.1.2.2. A idade moderna 57
    - 2.1.2.3. O iluminismo e as revoluções do século XVIII 62
- 2.2. Debate do estado do mundo na viragem do século XX pela  
'esquerda festiva' 72
- 2.3. Exemplos de escárnio das instituições no nosso Portugal 77
  - 2.3.1. Incidência sobre a sociedade do século XX 77
    - 2.3.1.1. As anedotas do Salazar 77
    - 2.3.1.2. O embuste dos *sheiks* do petróleo 79
    - 2.3.1.3. O concurso da "vaca Cornélia" 80
  - 2.3.2. Episódios grotescos da politiquice do século XXI 81
    - 2.3.2.0. A *kakânia* ocidental 81
    - 2.3.2.1. A política de um inflexível almirante apolítico 81
    - 2.3.2.2. O venal e sonso chico-esperto (e seus cúmplices) 86

## 3. APOSTILHA PROPOSITIVA E CONCLUSIVA 95

## 0. PROÉMIO

De acordo com a matéria temática sugerida pelo título deste texto, que revela um conteúdo detalhadamente anunciado e cuidadosamente articulado, teci uma trama que relaciona entre si dois tempos da minha vida imersa na história do ocidente.

O primeiro tempo corresponde às décadas de 60 e 70 do século xx, em que a minha adolescência/juventude foi pautada pela emergência de uma postura radical de confronto sistemático com o sistema capitalista, em termos não sectários e lúdicos. Bafejado em Paris pelo espírito de Maio de 68, trouxe – para os fragmentos de Lisboa que despertavam da letargia salazarente – alguma contestação da ditadura em termos colectivamente irreverente, praticada em particular no Técnico. Quando vivi a festa do 25 d'Abril, adaptei às condições da minha cidade a ideia libertária renascida em *Mai*68 e embarquei decisivamente na situação pré-revolucionária de 75.

No segundo tempo, iniciado com o século xxi, deparei-me com o fortalecimento de movimentos na esfera da extrema-direita que tomaram o poder em algumas regiões, estabelecendo regimes autoritários e violentos que espezi-nham as gentes e exportam uma fétida doutrina orientada para a instalação da peste universal. Em face desta ameaça, e perante a inoperância do combate antifascista das várias correntes da esquerda ortodoxa e do centro social-demo-crata, proponho uma acção marcada por um sarcasmo

desmedido em que é posta a nú a ideologia da classe dominante e as suas excrescências mais imbecis. Esta acção, apoiada num infinito amor pela liberdade, opõe-se decididamente a qualquer autoritarismo e a todo o tipo de violência, tendendo a impulsionar qualquer campanha contra o *status quo* que tenha por objectivo ridicularizar, em termos culturais, a superestrutura capitalista.

Em termos da estrutura formal, inspirei-me para este texto no belíssimo livro do Neruda (Fig. 0.1) para compor a minha sinfonia da viragem do século, em que o número de poemas é irrelevante em face da prosódia, e em que o desespero da canção final é temperado por um sarcasmo demolidor.



Fig. 0.1 – Inspiração para este texto.

No que diz respeito às ‘influências’ à la Philip Roth, posso dizer que este livro deve tanto a escritores da ‘baixa’ como da ‘alta’ cultura, pleiteando para que os seus representantes deixem de ‘estar de costas voltadas’, como expresso literalmente na Fig. 0.2.



Fig. 0.2 – Agatha Christie e Arthur Miller.

Na Fig. 0.3 apresento uma *collage* de poses em escrita de dois revolucionários americanos que souberam combinar incendiariamente a ‘alta’ com a ‘baixa’ cultura, apontando para a mesma direcção em que a contestação do capitalismo se une explosivamente com a proposta de vias libertárias para a sua superação.



Fig. 0.3 – Bod Dylan e Charles Bukowsky.

Estas linhas emergiram da prática da escreileitura que exerço quotidianamente a partir do início do século XXI, numa simbiose vivificante entre as duas actividades que surgem entrelaçadas na Fig. 0.4, num *feedback* positivo que leva à ESCRITA de um caleidoscópio que evidencia inúmeras versões, entre as quais, este texto.

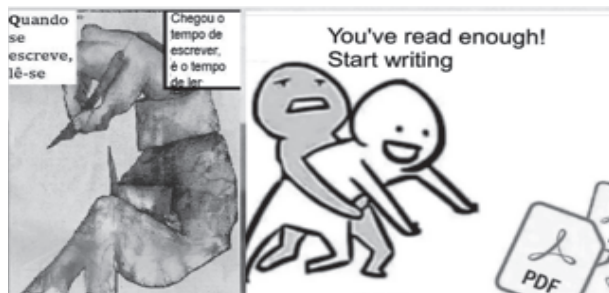


Fig. 0.4 – Alegorias legendadas da escreileitura.

Para sair do *loop* onde se dispõem as sucessivas versões e produzir o livro ‘final’, tenho sempre usado uma ‘técnica’ que consiste na leitura em voz alta do texto em análise, até obter um significante harmonioso prenhe de significado. Alinho assim com o procedimento proposto pelo Umberto Eco, que passa longos dias na sua biblioteca a ler os seus textos em voz alta, antes de mandar os originais para a tipografia (Fig. 0.5).



Fig. 0.5 – Umberto Eco na sua biblioteca a ler os seus textos.

Em paralelo com o diálogo com a leitura, cada uma das versões pode ser vista como uma ‘visita’ guiada à multiplicidade do meu SER que resulta de uma auto-desconstrução feita por uma lengalenga comigo mesmo, num ritmo sinco-pado à maneira do improviso jazzístico, em conversas íntimas que são ‘como as cerejas’.

À escala macro, o meu *modus legendi* desenvolve-se no vasto *open space* que é o meu escritório (metaforicamente representado na Fig. 0.6), feito para acolher desordenadamente a miríade de livros que tenho adquirido ao longo das décadas, sem que uma qualquer abominada (e auto-proibida) triagem conduza à criação de mais espaço (este

escritório sem limites imita desajeitadamente o ‘universo em expansão’ dos físicos teóricos).

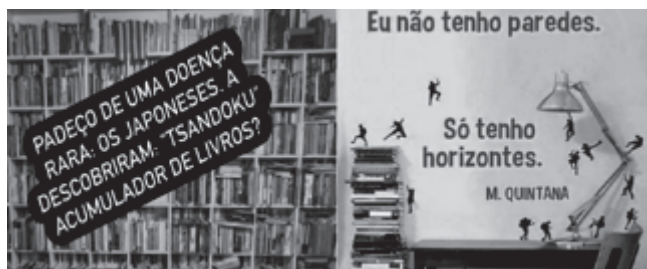


Fig. 0.6 – Metáforas do meu escritório (a oriente e a ocidente).

A autoficção emanada neste texto é obviamente subjetiva, resultando numa sábia dosagem de representantes da ‘baixa e alta’ culturas, como está simbolizado na Fig. 0.7 (na sequência das Fig. 0.2 e 0.3).



Fig. 0.7 – Hergé e Proust contribuem para a minha autoderrisão.

Quanto ao *modus scribendi* à escala micro, a narrativa é passada a escrito ao correr do teclado, sem medo da repetição de palavras idênticas (ou parecidas), que vêm sublinhadas nesta versão para reforçar a sua importância no texto e fazer ressaltar a recusa de qualquer pesquisa de sinónimos aproximados, que acabam sempre por desvirtuar a ideia

(como aprendi com a literatura anglo-saxónica). De resto, o **bold** é usado para denotar significantes ‘fortes’, e o UPPER CASE para acentuar certas coisas que quero fazer ressaltar no texto.

No que diz respeito aos ‘sinais de pontuação’ que adoplei nesta versão, a par das “aspas” que marcam uma citação, destacam-se – pela incessante reiteração – as volúveis ‘plicas’, que são ‘sinal de estranheza’ perante *clichés*, plebeísmos e ‘significados discrepantes’, marcando uma ampla versatilidade que envolve frequentemente uma certa ironia.

Utilizei abundantemente no texto marcas de interrupção do discurso – como os parêntesis e o duplo travessão – delimitando expressões intercaladas que tomam um lugar adequado na sequência que quero exibir.

As Figuras que usei profusamente neste livro para ancorar a sequência de palavras são *collages* feitas a partir de secções de fotos e de SCANS do meu arquivo, combinadas – por um programa de edição de imagens – com representações íconotextuais obtidas no *Google* (que se torna assim – através da simples aplicação da ‘inteligência natural’ – num eficaz utensílio de apoio à construção do tipo de hipertexto aqui apresentado em suporte-papel). Todas as Figuras são ‘chamadas’ a partir do texto alfanumérico através de um número de ordem em cada capítulo, que permite a sua referência ao longo do livro. A narrativa aqui apresentada é, pois, uma combinação virtuosa de palavras e imagens, em que os dois constituintes têm um estatuto equivalente (e em que as legendas ligam com o miolo do texto, evitando que as ilustrações sejam meras ilustrações, ‘a boiar’ na página).



Neste livro perpassam inevitavelmente ecos (pala-  
vras soltas ou frases grafadas em *itálico*) dos idiomas que  
conheço, sem atender ao ínfimo requisito de obediência a  
um qualquer idioma pátrio, ao arrepio de algum paroquia-  
lismo pessoano na linha dos rebanhos *à la* Alberto Caeiro  
(Fig. 0.8).

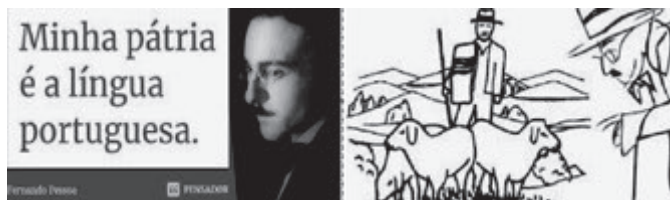


Fig. 0.8 – Fernando Pessoa eivado de algum nacionalismo ruralizante num dos seus heterónimos.

Vejo-me assim na linha de Olivier Rolin, o escritor  
cosmopolita que também não quer preservar a ‘pureza de  
qualquer língua’, abrindo-a a todas as influências que lhe  
dão som e sentido (Fig. 0.9).



Fig. 0.9 - Livros abertos ao mundo pela miscigenação das línguas que alimentam a escrita.



COMPANHIA  
DAS ILHAS

*terceira margem nova série* | 015

Henrique Garcia Pereira

## MEMÓRIAS DO SÉCULO XX PARA A CONTESTAÇÃO SATÍRICA DA ORDEM VIGENTE NO SÉCULO XXI

© Autor e Companhia das Ilhas

Edição **357**

*terceira margem* | *nova série* **015**

1.ª Edição AGOSTO de 2025

1.ª Tiragem AGOSTO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

### Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 552 086 / 25

I S B N 978-989-9154-84-1



COMPANHIA  
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

[companhiadasilhas.lida@gmail.com](mailto:companhiadasilhas.lida@gmail.com)

[www.companhiadasilhas.pt](http://www.companhiadasilhas.pt)